

A TRADIÇÃO DE UM POVO NAS FORMAS DA CASA POMERANA

Estudo de arquiteta relaciona as residências de Santa Maria de Jetibá com a identidade cultural dos imigrantes pomeranos e alerta para a ameaça de destruição desse patrimônio

Poucos de nós temos em mente que o passado é um direito do ser humano. Pensamos em passado como algo a ser lembrado ou esquecido, mas não lhe damos o valor devido de identidade cultural. Ora, o conhecimento da construção da história de nossos antepassados, ressaltados na simples etimologia do sobrenome da família e seu significado, ou, na descoberta do lugar onde viviam os pioneiros, está diretamente entrelaçado e se confunde com o que somos e o que representamos no presente. Por vezes, esse passado coletivo confunde-se com a história de uma cidade, de um Estado, e até mesmo de uma nação.

Essa redescoberta do passado como direito e identidade cultural de um povo se fez presente no estudo que realizei sobre um monumento modesto, construído na região serrana do Espírito Santo: A Casa Pomerana. Em 2005, elaborei o inventário da Casa Pomerana em Santa Maria de Jetibá, como trabalho de conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo; instante em que parei para observar a paisagem do lugar onde eu residia. O cotidiano nos torna desatentos tantas vezes, mas comecei a perceber a "presença" de casas, simples à vista, mas interligadas entre si por um conjunto de características próprias de construção e tipologia arquitetônica, desde as formas até o seu modo de habitação, e bem assim como foram humanizados esses espaços.

Notei uma forma peculiar em cada encaixe nas peças de madeira e detalhes interessantes em cada elemento da construção, muito além das funções que desempenham, como o sustentar a edificação em si. Notei uma importância maior na casa, transmitir através de uma linguagem própria, a trajetória de um grupo de pessoas até o momento presente. Essa linguagem própria utilizando a Arquitetura para marcar na linha do tempo um fato, uma tradição para não escapar da memória e servir de exemplo às futuras gerações, é uma das definições mais simples para monumento. Esse monumento, a Casa Pomerana, por anos careceu de um olhar mais apurado para entendê-lo, estudá-lo e principalmente valorizá-lo como memória edificada.



Casa na região de São Sebastião, em Santa Maria de Jetibá: características próprias de construção e tipologia arquitetônica

Desde o momento que tomei a casa pomerana como meu objeto de estudo tive de enfrentar barreiras culturais, sociais e até mesmo de interesses econômicos. Mesmo nascida na região onde estão localizadas essas casas, precisei conquistar a confiança do povo pomerano em face de motivos históricos. A integridade deste povo foi, no passado e por diversas vezes, desrespeitada ainda na terra natal (Pomerânia), ocasionando traumas físicos e psicológicos, impulsionando famílias inteiras a deixarem sua terra de origem e se lançarem ao mar em busca de melhores condições de vida. Entre as rotas de imigração, escolheram o Brasil, e nosso Espírito Santo teve a alegria de recebê-los aqui. Mas as dificuldades de adaptação nas terras capixabas e a falta de apoio go-

vernamental os tornaram mais arredios e optantes por um isolamento dentro de suas comunidades e residências, temerosos do desconhecido.

Para vencer o obstáculo da língua, aprendi algumas palavras em pomerano e viajei no carro de entrega de pão. Essas experiências levaram-me a descobertas arquitetônicas encantadoras, além do privilégio de conhecer pessoas maravilhosas e dividir, por alguns momentos, esse cotidiano bem de perto. O resgate da história das casas muitas vezes se confundiu com o resgate da história de uma família ou de um indivíduo, e cada visita trouxe de volta o tempo passado, além de um desafio, e a provocação de um novo olhar. Mas as visitas também trouxeram consigo uma dor. Uma dor só possível pelo contato que

traz descobertas nem sempre prazerosas e construtivas: constatei na pesquisa uma prática destruidora de centenárias casas pomeranas. Através de uma investigação, que por diversas vezes se tornou arriscada, chegou-se à identificação de pessoas inescrupulosas, rotuladas como "caçadores de madeira". Tais se infiltram no meio da comunidade, mostram-se simpáticos e amistosos, e convencem as famílias a venderem as residências, cuja estrutura é toda em madeira de lei, sob os mais variados argumentos, por exemplo desmontá-la e remontá-las em outro lugar. As famílias iludidas pela oferta de uma quantia monetária que, mesmo irrisória, não sabiam mensurar, e a agilidade e a pressão do comprador em negociar com rapidez, sucumbiram e se desfizeram de seu

aborda resumidamente o cotidiano do povo pomerano na antiga Pomerânia, as

No alto, mulher morta vestida de noiva, costume usado com as moças que não tiveram a oportunidade de se casar; acima, velório de um homem

Estadual, Av. João Batista Parra, 165, Praia do Suá, Vitória. Quanto: R\$ 25.

REPRODUÇÃO

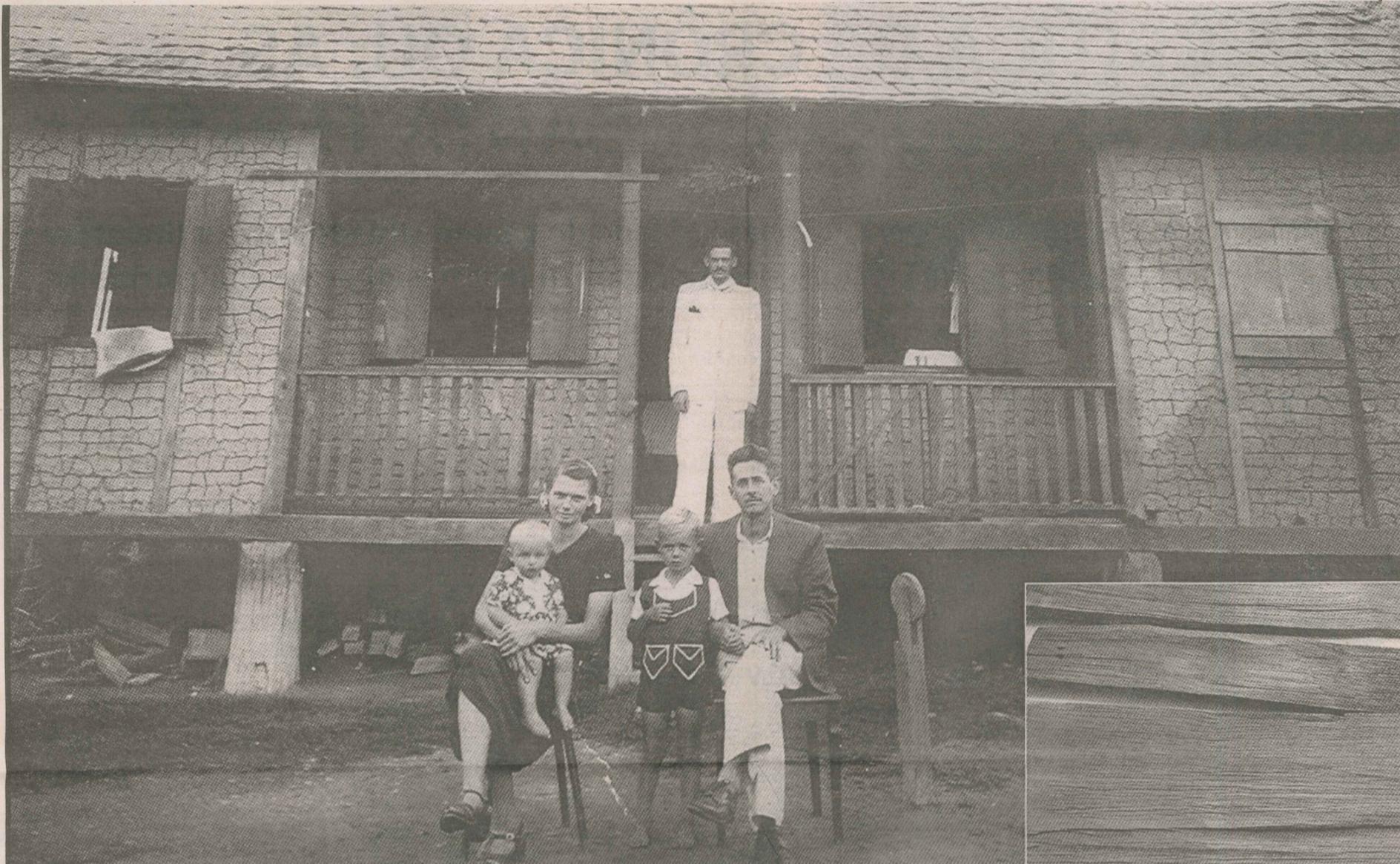


Imagem do acervo do Museu de Imigração Pomerana em Santa Maria de Jetibá. À direita, destaque para as telhas de madeira usadas inicialmente nessas edificações

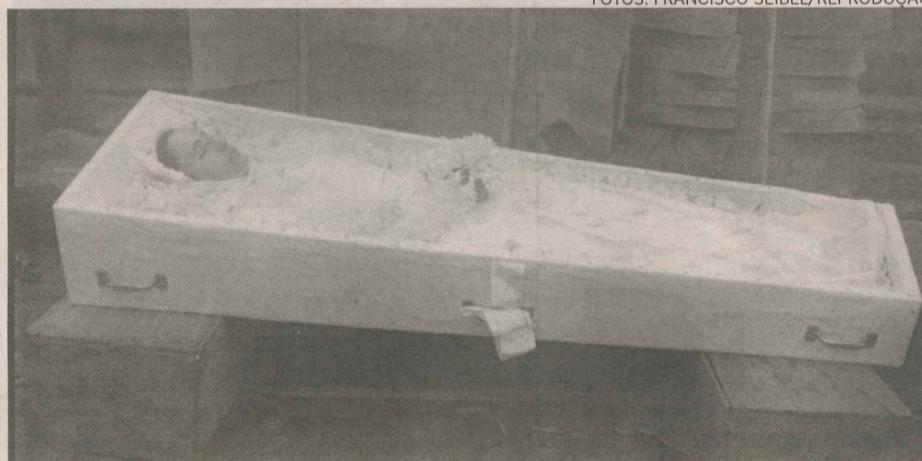
patrimônio. O pior, não previsto pela comunidade, aconteceu: desfeitas, descaracterizadas, casas centenárias foram reduzidas ao rótulo demagógico de “madeiras de demolição” para a confecção de “móveis rústicos” sob a bandeira do “ecologicamente correto”. Uma casa pomerana detém traços de uma cultura, da história de uma comunidade, da identidade de um povo.

Denúncia

A comunidade descobriu que o valor pago pelas casas foi injusto. Comparado ao valor de venda dos móveis fabricados com a mesma madeira advinda das casas, uma única dessas peças cobre o valor pago pela casa inteira. Em 2009, A GAZETA, através de seus jornalistas Vilmara Fernandes e Gildo Loyola, deu voz à denúncia e fortaleceu a luta contra a destruição desse patrimônio capixaba.

Com o objetivo de divulgar o valor arquitetônico das Casas Pomeranas, estimular a reaproximação e o desejo de preservação dessa identidade cultural tão peculiar e rica, foi elaborado um projeto e apresentado no edital de “Valorização da Diversidade Cultural Capixaba”, promovido pela Secretaria de Cultura do Espírito Santo. O projeto foi selecionado em segundo lugar e o prêmio recebido possibilitou a publicação do livro “Pomerisch Huss: A Casa Pomerana no Espírito Santo”. Composta por uma linguagem simples e ilustrada com muitas imagens, a obra aborda resumidamente o cotidiano do povo pomerano na antiga Pomerânia, as

FOTOS: FRANCISCO SEIBEL/REPRODUÇÃO



No alto, mulher morta vestida de noiva, costume usado com as moças que não tiveram a oportunidade de se casar; acima, velório de um homem

dificuldades ali enfrentadas e o fenômeno da imigração. Como esse contexto refletiu na arquitetura residencial pomerana, seus detalhes e técnicas construtivas peculiares até a adaptação aqui no Brasil. Apresenta também a influência da fé na Arquitetura, no modo de se construir as edificações religiosas: igrejas, templos, cemitérios. Detalha elementos arquitetônicos, com foco na adaptação destes no processo de imigração e na migração interna nas terras capixabas.

Por fim, após conhecer e compreender o valor histórico-cultural desta tipologia arquitetônica, convida-se o leitor a uma reflexão sobre a “destruição” da casa pomerana, relatando a destruição desse patrimônio, capitaneada pela ganância dos “caçadores de madeira”. Apresentam-se possibilidades para preservação de unidades residenciais pomeranas com vistas a reforçar os marcos de identidade cultural deste povo e apresentá-los às gerações presentes e futuras. Semeia-se a redescoberta, a reaproximação do povo pomerano com sua própria residência.



POMERISCH HUSS: A CASA POMERANA NO ESPÍRITO SANTO
Bianca Corona. 158 páginas. Lançamento dia 22 de junho, às 19h, na Biblioteca Pública Estadual, Av. João Batista Parra, 165, Praia do Suá, Vitória. Quanto: R\$ 25.